

TENDÊNCIAS

* 4 MAI 1991

Produção reage pouco, segundo Ipea

Projeções indicam economia em marcha lenta até junho e exportações em alta

ROLF KUNTZ

Exportações maiores, pequena recuperação industrial e uma economia ainda estagnada compõem o cenário do segundo trimestre, segundo os técnicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), vinculado ao Ministério da Economia. Só há duas demonstrações de genuíno otimismo no último boletim preparado pelo Grupo de Análise Conjuntural. Uma delas é a previsão de um superávit comercial de US\$ 8 bilhões entre janeiro e junho, 31,1% maior que o do primeiro semestre do ano passado. A outra é a esperança de que a produção da indústria cresça mais do que os números conhecidos permitem projetar.

Os números globais da economia devem melhorar um pouco no segundo trimestre, mas boa parte da mudança só ocorrerá nos computadores. A queda acumulada do Produto Interno Bruto (PIB) chegará a 2,8%, com expansão de 0,4% na agropecuária e quedas de 6,6% na indústria e de 0,1% nos serviços. A redução do PIB até o primeiro trimestre foi calculada em: 5,9%.

A passagem de um buraco de 5,9% para um de 2,8% não indica um avanço importante. O efeito é principalmente estatístico, porque o segundo trimestre do ano passado, o primeiro do Plano Collor, foi muito ruim, com a produção industrial praticamente paralisada durante o mês de abril. Em outras palavras: pelas contas do Ipea, não é a situação de 1991 que tende a melhorar de modo significativo, é a base de comparação que fica pior.

Em todo caso, a recessão iniciada por volta de setembro do ano passado pode ter batido no fundo. A economia pode ter-se estabilizado ou até reagido um pouco depois do Plano Collor 2, mas essas prováveis tendências não entram nas estimativas do segundo trimestre, advertem os economistas do GAC. Assim, pode-se esperar, segundo eles, que em junho a queda acumulada da produção industrial esteja mais próxima de 8,6% do que de 12,1%, pontos

extremos das projeções. No ponto médio, a queda é de 10,4%.

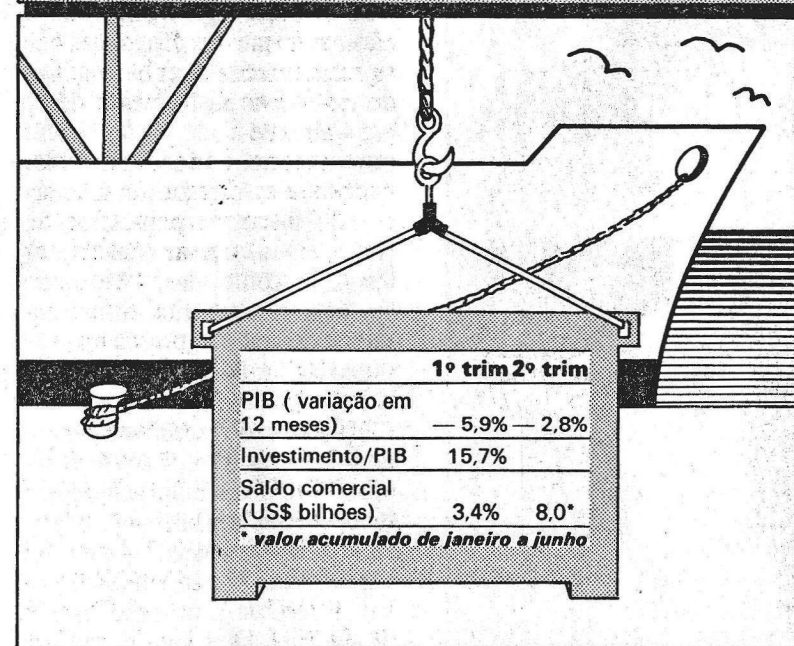
Em marcha lenta continuam também os investimentos, isto é, os gastos em novas máquinas, equipamentos e instalações produtivas. No primeiro trimestre, o investimento acumulado em 12 meses deve ter ficado em 15,7% do PIB, abaixo da média do ano passado. No mesmo período, a importação de bens de capital cresceu 7,8%, mas a produção interna caiu 17,4%. Sem aumento desse tipo de gasto, a economia não poderá crescer de forma sustentável: se o consumo e a exportação crescerem, a capacidade da indústria será ocupada em pouco tempo, a oferta de bens e serviços não acompanhará a procura e haverá mais inflação. Também não haverá modernização da economia nem aumento da capacidade de competir. Por isso, estão sendo criados incentivos federais e estaduais (em São Paulo) à compra de máquinas e equipamentos. Mas esse dado não é discutido no boletim

do Ipea.

O aumento da produção industrial deve ser facilitado pelo crescimento das exportações. A receita projetada para o primeiro semestre é US\$ 16,6 bilhões, 12,2% maior que a de um ano antes. As importações, estimadas em US\$ 8,6 bilhões, devem continuar praticamente iguais às de janeiro-junho de 1990, com redução de apenas 0,9%. Mas esse resultado dependerá da evolução da taxa de câmbio, que determina o preço do produto brasileiro em moeda estrangeira. Quanto menor esse preço, mais fácil exportar. Desde o congelamento o câmbio se valorizou em termos reais, isto é, não bastou para compensar o aumento dos custos de produção. Essa tendência pode ter começado a mudar em abril. Isso parece indicar, segundo o boletim, que o governo não está disposto a permitir uma nova sobrevalorização do cruzeiro. A do ano passado já criou muitos problemas e nenhum benefício duradouro.

A economia até junho

Projeções do Ipea



HUGO CARNEVALLI/ArteEstado